

MOTIVOS BÍBLICOS DA APOLOGIA DE JERÔNIMO CONTRA RUFINO

Luís Carlos Lima Carpinetti (UFJF)

RESUMO

Este trabalho define o que seja motivo literário e apresenta ocorrências de motivos bíblicos na polêmica obra de São Jerônimo, a *Apologia contra Rufino*.

PALAVRAS-CHAVES: motivo literário, Bíblia, estilística.

SOBRE A HISTÓRIA DO AUTOR E DO TEXTO DE QUE NOS OCUPAMOS

Com este artigo, pretendemos abordar a utilização de motivos bíblicos por São Jerônimo no texto de sua *Apologia contra Rufino*. É com este título que a obra é tradicionalmente conhecida. Mas ao adotarmos o título diferenciado da obra que figura no título deste artigo, fazemos isso seguindo a utilização que nos sugere o Prof. Pierre Lardet, editor francês do texto da *Apologia*, e autor de uma obra de comentários sobre o mesmo texto. Tal procedimento exclui a ambigüidade que poderia existir entre os termos “apologia” e “contra”. Ao inserir “Jerônimo” após o termo “apologia”, enunciamos simultaneamente o autor e o objeto desta apologia, e desfaz-se automaticamente a ambigüidade que o título tradicional poderia suscitar.

Sofrônio Eusébio Jerônimo¹ nasceu de abastada família cristã, em Estridão, na Dalmácia, por volta de 347. Ainda muito jovem (provavelmente em 354), Jerônimo foi para Roma a fim de estudar gramática, retórica e filosofia; teve por mestre o célebre gramático Donato; Rufino de Aquiléia foi seu discípulo e amigo. Jerônimo adquiriu extraordinária familiaridade com os clássicos latinos, familiaridade que jamais perdeu. Há de permanecer, durante a sua vida, um literato clássico, elemento que se pode apreciar em toda a extensão da obra-objeto de nossa análise. Em Roma, Jerônimo sucumbiu às más influências, como confessa, com dor e arrependimento, em

¹ As informações dadas nesta seção de capítulo foram recolhidas na obra de Altaner e Stuiber, intitulada *Patrologia*, citada na bibliografia.

alusões posteriores. Pelo fim do período de seus estudos em Roma, recebeu o batismo. Foi, então, às Gálias, onde, provavelmente, sob a influência dos monges de Tréveros, resolveu levar vida ascética. Passou, então, algum tempo em Aquiléia, integrando um círculo de amigos entregues à vida ascética, dos quais fazia parte Rufino.

De repente, Jerônimo decidiu empreender uma peregrinação a Jerusalém (373-374); grave doença reteve-o, porém, bastante tempo em Antioquia. Aí ouviu os discursos exegéticos de Apolinário, bispo de Laodicéia, e aprendeu, a fundo, a língua grega. Em seguida, viveu, por uns três anos (375-378), como eremita no deserto de Cálcis, a leste de Antioquia, e aprendeu o hebraico com um monge de origem judaica. Partiu, então, para Constantinopla, ouviu os sermões de Gregório Nazianzeno, entusiasmou-se por Orígenes, de quem verteu para o latim alguns escritos. Relações de amizade uniram-no, então, a Gregório de Nissa (381).

Em 382, a convite do papa Dâmaso, participou, juntamente com Paulino e Epifânio de Salamina, de um Sínodo Romano, convocado no intuito de pôr termo ao cisma meleciano². Jerônimo se tornou secretário e amigo do papa, permanecendo em Roma de 382 a 385. O papa encarregou-o da revisão dos textos latinos da Bíblia, encaminhando-o, assim, para seu trabalho principal, nos anos próximos. Em Roma, Jerônimo veio a ser, outrossim, o centro de um círculo de ascetas, do qual faziam parte, em especial, damas da nobreza romana, como as viúvas Marcela e Paula, e a filha desta última, Eustóquia. Por causa de suas acerbas críticas de abusos no clero romano (ep. 22), foi abertamente combatido, depois da morte de seu protetor (384) e tornou-se alvo de suspeitas por causa das monjas de sua amizade. Quando Blesila, filha de Paula, teve morte prematura, a indignação do povo, que atribuía a morte de Paula a seus jejuns, explodiu francamente contra o “*detestabile genus monachorum*” (ep. 39,6). Jerônimo, que havia acariciado por algum tempo a esperança de se

² Melécio, bispo de Licópolis (Egito) foi, em 306, deposto por Pedro, patriarca de Alexandria, depois de ter confessado ser herege. Mas ele se recusou a submeter-se e permaneceu em posse de sua sede episcopal. Quando de sua morte, seus fiéis ou *melecianos* elegeram por si mesmos um outro bispo e o cisma persistiu durante cem anos. Por volta de 330 a. D., certo número dentre eles abraçaram o arianismo. O nome de melecianos foi igualmente dado aos fiéis da Igreja de Antioquia, os quais reconheciam por patriarca legítimo São Melécio.

tornar sucessor de Dâmaso, deixou Roma e, passando por Antioquia, se pôs a caminho dos lugares santos da Palestina. Depois viajou para Alexandria, onde esteve trinta dias com Dídimo, o Cego; após uma visita aos monges do deserto da Nítria, foi, em 386, para Belém, onde se estabeleceu para sempre.

Com o auxílio de santa Paula, Jerônimo construiu três mosteiros de mulheres e outro de homens, o qual ele mesmo governou; ainda alguns albergues para peregrinos e uma escola para peregrinos e uma escola ligada ao mosteiro, na qual Jerônimo explicava os clássicos. Dispunha de uma notável biblioteca, que o próprio Jerônimo havia organizado. Os trinta e quatro anos de sua permanência em Belém, não foram, em absoluto, tempos tranqüilos. A primeira controvérsia origenista provocou a odiosa contenda com João, bispo de Jerusalém, e a acerba inimizade com Rufino, seu amigo desde a juventude, que esteve até 397 em Jerusalém. Seguiram-se as polêmicas contra Joviniano (393) e Vigilância (404) e, finalmente, também a querela pelagiana³ transplantou-se para a Palestina, pela chegada de Pelágio (415). No decurso desta luta, um grupo de pelagianos incendiou seus mosteiros (416) e o próprio Jerônimo correu perigo de vida. Os horrores da migração dos povos perturbaram, outrossim, a tranqüilidade do eremita de Belém, pois hordas dos hunos, dos montanheses isáuricos e sarracenos saqueadores ameaçaram as circunvizinhanças, obrigando-o à fuga precipitada. Conservou até o fim da vida a penetração de espírito e o ardor combativo. Jerônimo faleceu aos 30 de setembro de 419 ou 420.

O caráter de Jerônimo apresenta um lado muito luminoso e outro de não poucas sombras. Era de temperamento facilmente irritável; enfermidades e severo ascetismo aumentaram ainda mais a sua irascibilidade. Para os outros era agressivo e impetuoso, mordaz, irônico e ferino; em relação a si mesmo era suscetível a elogios, sensível a censuras, ciumento e rancoroso. Entretanto, consideram-se muitas coisas como falhas típicas da retórica e polêmica clássicas, que por isso são julgadas com maior indulgência. É mister, porém, concordar que, não raras vezes, Jerônimo faltou à justiça e à caridade

³ Dentre os pressupostos principais da doutrina herética de Pelágio, encontramos a da *impeccantia*, segundo a qual o homem pode existir sem o pecado, se assim o desejar, conforme o adágio: "*posse hominem sine peccato esse, si uelit*" (Ep. 133,1). A refutação desta heresia mobilizou-lhe muitos esforços.

para com amigos e inimigos. A posteridade pôde silenciar tais fraquezas ante a importância maior das obras imperecíveis com que a ciência de Jerônimo enriqueceu a Igreja. Sem dúvida alguma, foi o mais erudito dos Padres latinos da Igreja, e legou uma herança insubstituível por muitos séculos ao Ocidente e à Idade Média.

A composição da obra *Apologia contra Rufino*, pelo padre da Igreja latina São Jerônimo, ocupa um lugar importantíssimo na história do cristianismo, pelo fato de documentar o período em que viveram os antagonistas que nela figuram, Jerônimo e Rufino, personalidades importantes no meio eclesiástico do final do século IV; também é importante por testemunhar as relações entre o Ocidente, nela representado por Roma, e o Oriente, nela representado pela Palestina, servindo como lugar de mediação entre os dois pólos entre os quais oscilou o coração de Jerônimo: de um lado, a cultura clássica pagã e, de outro, a herança bíblica judaico-cristã. O texto de Jerônimo acima mencionado medeia as relações entre o ambiente romano que pouco ou quase nada sabia de Orígenes e o ambiente palestino no qual fervilhava, em acesas discussões, a doutrina origenista. Particularmente é o lugar não apenas da mediação entre os pólos culturais citados, mas também o delicado ponto de equilíbrio em que se afirma Jerônimo, diante do círculo de inimizades que seu afã de combater heresias gerou para si. Neste sentido, Jerônimo traça fronteiras entre o seu espaço de crenças e verdades e o das de seu amigo, por meio do texto da *Apologia contra Rufino*, de modo muito similar ao que fizera em outros tratados polêmicos, dirigidos a outras personalidades-alvo.

Torna-se importante, neste momento, apresentar o contexto no qual Jerônimo construiu a sua *Apologia contra Rufino*: a história, os protagonistas Jerônimo e Rufino, a doutrina de Orígenes e sua apresentação na *Apologia*, como se apresentam, neste contexto, o lugar de Roma e o da Palestina na história da controvérsia origenista. Outrossim ver-se-á que, como lugar de mediação, a *Apologia contra Rufino* testemunha um conflito que se instalou entre dois amigos que se conheceram na adolescência, em Roma, em ambiente escolar, em meio a lições dos clássicos, à vida inconseqüente que a capital do império podia lhes proporcionar, à inconsciência dos caminhos que o futuro lhes reservava.

TENTATIVA DE DEFINIÇÃO DO TERMO MOTIVO

O termo motivo encontra no latim sua origem, no adjetivo *motiuus*, -a, -um, derivado do verbo *moueo*, -es, -ere, *mouî*, *motum*, que significa mover, agitar, volver, mexer, remexer, pôr em movimento. O verbo *mouere*, do qual deriva o termo que pretendemos definir, está associado na arte retórica à capacidade ou faculdade de que pode dispor o orador para exercer a influência afetiva sobre o árbitro de uma situação, com a finalidade de nele excitar, favoravelmente ao partido do orador, afetos violentos, assim teoriza Heinrich Lausberg. Neste sentido, o termo *motivo* tem estreita relação com os aspectos estilísticos de determinada obra de arte. O adjetivo *motiuus* significa relativo ao movimento, móvel. Com toda probabilidade, deve ter havido no decorrer do tempo a utilização deste adjetivo com valor de substantivo, de modo semelhante ao que se dá em português, quando é possível fazer o mesmo com o adjetivo *móvel*. Dizemos *ponto móvel*, *coluna móvel* (força militar que não tem ponto designado para operar), *festas móveis* (festas que acontecem em datas diferentes todos os anos, como a Páscoa, Corpus Christi, Pentecostes etc). Mas dizemos também *o móvel do crime*, querendo designar o motivo, a causa do crime. O adjetivo *móvel* também pode vir a caracterizar-se como substantivo quando designa peça de mobiliário. Há outros exemplos no gênero. Entretanto, *móvel* serve-nos como boa tradução para *motiuus* por serem ambos passíveis de sofrer os mesmos processos de utilização como adjetivo e substantivo.

Motiuus, pois, seria, melhor traduzindo, *móvel*, aquilo que move, aquilo que, como causa, movimenta ou leva a algum fim. Filosoficamente falando, o termo *móvel* ou *motivo* designa, de maneira geral, o que move. Pode-se, pois, em psicologia, chamar motivo toda causa de ordem mental que produz ou tende a produzir uma ação voluntária. O termo *motivo* tende a recobrir um estado intelectual; já o termo *móvel* tenderia a recobrir sentimentos e estados afetivos: assim nos instrui a enciclopédia *Larousse du XXe siècle*, no verbete *motif* (convém, pois, indicar esta fonte, já que os dicionários portugueses de que disponho nada dizem a este respeito). Em discussões acerca de problemas como a liberdade, é muito previsível que se considere a

influência dos motivos e dos móveis, segundo definição da citada enciclopédia.

O termo *motivo* marca sua presença quando temos que designar, por exemplo, em decoração, a utilização de elementos para compor um conjunto decorativo, e que incidem sobre um tema determinado que reflete o gosto de quem planejou a decoração. Como exemplo, cito o caso de pessoa de minha convivência que elegeu como motivo de decoração de seu apartamento a figura do pato: lá encontramos patos de louça, de gesso, de mármore, recortado em madeira, fotografado e emoldurado, retratado em tela a óleo, enfim, patos em diversas modalidades, a decorar todos os cômodos do apartamento, mas sempre a figura do pato como *motivo*. Exemplos como esses servem talvez para ilustrar a associação do motivo a uma lembrança afetiva intimamente ligada ao motivo escolhido. Alguém que eleja determinadas combinações de cores, como o vermelho e o preto, de modo a evocar o seu time de paixão, também elege o time e as cores que o representam como *motivo*. A decoração do domicílio, com os *motivos* que a compõe, reflete tanto a afetividade, as paixões e a identidade pessoal de seu morador, pois o *motivo* é tudo que alimenta psicologicamente o indivíduo, seja a figura de uma ave, a representação que uma associação de cores traz etc. O *motivo*, nesse caso, alimenta e realimenta a alma, levando o indivíduo a mover-se, a cumprir suas tarefas dentro de determinada perspectiva afetiva.

Em pintura, *motivo* identifica-se com a escolha feita pelo artista de objetos a serem representados. Assim dizemos que Pieter Bruegel retratou a aldeia medieval holandesa, com seu povo, suas festas, seus trajes etc. Isto é um *motivo* que transparece mesmo em trabalhos que têm clara estrutura alegórica como *A parábola dos cegos* e *O triunfo da morte*. O *motivo* citado aparece em emprego pleno, por exemplo, nas obras *O banquete nupcial* e *Dança campestre*. Em Fra Angelico, é com frequência que encontramos personagens, com formas reconhecidamente humanas, tendo suas cabeças circundadas por douradas auréolas, símbolo que marca a santidade, a divindade ou a “angelicidade” dos personagens que as trazem coroando suas cabeças: tal *motivo* aponta para seu apego e fixação em temas cristãos. Em Salvador Dalí, ao tratar temas clássicos como o de Leda e sua conjunção amorosa com Júpiter metamorfoseado em cisne ou a figura de Nossa Senhora, como nas obras *a Madonna de Port*

Lligat, ou *O sonho de Cristóvão Colombo*, é a figura de sua companheira Gala que vemos emprestar seus traços às figuras femininas das obras citadas: acredito que a companheira Gala seria, pois, um *motivo* constante em sua obra.

Sem que demorem muito a enumerar exemplos de *motivos* em literatura, já que estamos a tratar dos motivos de origem bíblica na *Apologia de Jerônimo contra Rufino*, seria interessante lembrar alguns casos célebres de outros companheiros de ofício de São Jerônimo. Horácio, tendo vivido do ano 65 ao ano 8 antes de Cristo, toma como *motivo* de suas sátiras situações divertidas ligadas a vícios e defeitos de seus contemporâneos, evitando em suas sátiras o aspecto político, e privilegiando temas como a valorização da frugalidade, a caça aos testamentos, a cobiça etc. Décimo Júnio Juvenal, artífice do mesmo gênero que consagrou Horácio, toma de empréstimo a Horácio e Lucílio a maior parte dos temas que desenvolve. Mas, em contrapartida, enfrentando os perigos de delação, processos de lesa-majestade do regime imperial, efeitos que Horácio e Lucílio como satiristas igualmente receavam como resultantes da recepção de seus textos na sociedade, Juvenal desenvolve, paralelamente às críticas que tinham por *motivo* vícios e defeitos e os indivíduos que destes se tornam culpados, críticas de caráter moral ou social, ao abordar os *motivos* caros à sátira como o luxo dos jantares, a relação entre pobres e ricos, a relação entre os homens e os deuses, problemas de educação etc.

A utilização de motivos bíblicos serve à construção do texto polêmico da *Apologia de Jerônimo contra Rufino*. Ninguém melhor que Jerônimo para fazê-lo, em razão de sua imersão na cultura cristã de língua grega e, condição que lhe rendeu originalidade dentre os padres latinos, a imersão na língua e cultura judaica, podendo abeberar-se nesta fonte cultural, com a capacidade de fazê-lo nos textos originais, ouvindo os sons e decifrando os caracteres hebraicos em que estavam vazados os livros sagrados e poder, assim, realizar a obra que conhecemos como Vulgata, que é a tradução latina da Bíblia a partir dos originais hebraicos.

MOTIVOS BÍBLICOS E SUA UTILIZAÇÃO POR JERÔNIMO

A presença de motivos bíblicos no texto da *Apologia* é evidente. Um primeiro olhar no índice escriturário do texto da edição francesa Sources Chrétiennes permite-nos avaliar a importância que representa a cultura judaica e cristã que chega até nós pelo texto bíblico e a relevância de considerar a presença dos motivos advindos destas culturas, por meio do texto bíblico, bem como a sua utilização estilística por Jerônimo. Citaremos alguns motivos que colhemos no texto, depois passaremos a fragmentos de textos dos profetas conhecidos como “profetas maiores”: Isaías, Jeremias, Ezequiel e Daniel.

Um fragmento⁴ do terceiro parágrafo do terceiro livro da *Apologia* traz-nos o motivo da espada afiada que atinge a garganta, que podemos encontrar em Ezequiel 21, 9-22, trecho de uma profecia na qual a espada afiada, polida e reluzente de Yahweh será posta na mão do matador para executar uma matança em Israel. Este motivo também o encontramos no cântico de Moisés, em Deuteronômio 32, 41, que traz o seguinte texto: “...quando eu afiar minha espada fulgurante e minha mão agarrar o Direito, tomarei vingança do meu adversário, e retribuirei àqueles que me odeiam...”

Ao fim do quarto parágrafo do terceiro livro da *Apologia*, Jerônimo retoma o motivo do ouro ou do dinheiro como fator da corrupção das instituições e costumes, aludindo ao que venceu o recato de Dânae, ou seja, Zeus metamorfoseado em chuva de ouro, para retomar um elemento clássico, e dois elementos bíblicos: a história de Giezi (II Reis 5, 20-27.), que nos traz a história deste personagem que correu ao enalço de Naamã para ganhar algum dinheiro, contrariando a atitude de Eliseu, que havia curado Naamã, sem que este tivesse que lhe dar qualquer coisa em troca; por outro lado, a história muito conhecida entre os cristãos da traição de Judas, que prometeu entregar a Jesus, seu senhor, aos chefes dos sacerdotes, por trinta moedas de prata (Mateus 26, 14-16.).

Jeremias, um dos quatro grandes profetas de Israel, nasceu em Anathoth, na tribo de Benjamin, por volta de 650 a.C., e morreu no Egito, por volta do ano 590 a.C. Ele exerceu seu ministério sob os reinos de Josias, Joacaz, Joaquim e Jeconias. Suas advertências proféticas custaram-lhe severas perseguições. A situação em que se en-

⁴ São Jerônimo, *Apologia*, p. 220: “...et gladios quos defigas in iugulum meum tanto ante tempore exacuis!...”

contra Jerônimo, cercado de inimigos, de situações adversas como aquela que o faz escrever uma apologia em causa própria, torna-se solidária da vida e personalidade do profeta Jeremias; vejamos como isto ocorre nos dois exemplos que arrolamos a seguir.

No parágrafo 23 do terceiro livro de sua *Apologia*⁵, Jerônimo utiliza a imagem que lhe fornece Jeremias, em suas admoestações a Jerusalém que não se converte, no capítulo 13, 23⁶, valorizando as anotações naturalistas de Jeremias. O leopardo “com manchas que não se desfazem” aproxima-se do leão, do urso, do lobo que são figuras que encontramos para nomear os demônios no *In Ezechielem* 13, 44, 22s. O leopardo significa os hereges no *In Isaiam* 6, 15, 3⁷

No parágrafo 24 do segundo livro da *Apologia*, encontramos uma expressão de lamento de Jerônimo⁸ quanto à recepção que teve sua obra de tradução, como se a mesma representasse uma anulação do valor da edição grega dos Setenta. O versículo de Jeremias citado por Jerônimo ilustra bem a emoção solidária de nosso autor com a vocação de Jeremias, pois em Roma no século IV, o combate sem trégua de Jerônimo às heresias coloca nosso autor na condição de manifestar uma impressão muito semelhante de abandono, desconcertante solidão e profundo vazio existencial, incompatíveis com a necessidade imperiosa e inadiável da luta: “...Ai de mim, minha mãe, porque tu me geraste homem de disputa e homem de discórdia para toda terra?...” (Jeremias 15,10.)

Isaías, considerado o primeiro dos chamados profetas maiores, foi conselheiro do rei de Israel, Ezequias, e o primeiro dos quatro grandes profetas hebreus. Autor do Livro de Isaías, sua obra é primorosa pelo vigor do estilo palaciano e pelo brilho da poesia. É do texto de Isaías que Jerônimo se serve para agudizar sua irônica pontada em Rufino, no primeiro parágrafo da *Epístola contra Rufino* (Terceiro livro da *Apologia de Jerônimo contra Rufino*), ao nomear como sabedoria a invectiva de Rufino, e louvor da parte de Rufino, o que provoca em Jerônimo a resposta que conhecemos pelo texto de

⁵ São Jerônimo, *Apologia*, p. 278: “...Et postquam se intellexit casso labore sudare nec pardum mutare uarietates nec Aethiopem pellem suam...”

⁶ *Jeremias* 13, 23: “...Pode um etíope mudar a sua pele? um leopardo as suas pintas?”

⁷ Estes dados podem ser encontrados em Lardet, P., op. cit.(1993), p. 319, nota 600b.

⁸ São Jerônimo, *Apologia*, p. 170: “...Heu mihi, mater, ut quid me genuisti, uirum qui iudicer et discernar omni terrae?...”

sua *Apologia*. Ali cita o capítulo 32, 6⁹, numa clara utilização estilística do texto bíblico para agudizar sua intenção polêmica de desqualificar o adversário Rufino.

Ezequiel, outro grande profeta hebreu, viveu no século VII a.C. Segundo uma tradição, foi morto por ordem de um príncipe judeu, a quem censurou a sua idolatria. O livro de Ezequiel, coleção das suas profecias, inscrito pela Igreja no cânone dos livros inspirados, é notável pela grandeza das visões do profeta. O nosso autor faz uso estilístico do texto profético ao tomá-lo no momento exato em que o profeta aplicava aos falsos profetas a imagem de raposas no meio de ruínas.¹⁰ O efeito é de desqualificação.

Daniel, tendo vivido no século VII a.C., foi levado cativo para a Babilônia com outros jovens israelitas. A sua viva inteligência granjeou-lhe o favor de Nabucodonosor e do seu sucessor Evilmerodaque. Cheios de inveja, os magos obtiveram do rei que Daniel fosse lançado na fossa dos leões, onde foi encontrado no dia seguinte são e salvo. Explicou os sonhos de Nabucodonosor, demonstrou a inocência de Susana e decifrou a famosa inscrição do festim de Baltasar. Morreu provavelmente em Susa. No parágrafo 15 do segundo livro da *Apologia*, encontramos a citação¹¹ que retoma uma passagem do livro de Daniel¹². Pierre Lardet afirma em seu comentário à *Apolo-gia*¹³ que “Jerônimo escreve para cumular de rivais este profeta que desejava conhecer os mistérios de Deus” e que “para Rufino, Macário é um desses que desejam saber o que seja verdadeiro”. Diante de tudo que Jerônimo expõe a respeito da doutrina origenista, a comparação pode ter efeito de ridículo, a partir de um chiste – *desideriorum uir* – que estabelece um jogo entre o caso de Daniel (que é depositá-

⁹ São Jerônimo, *Apologia*, p. 212: “...Fatuus, inquit, fatua loquetur et cor eius uana intellet, ut compleat iniquitates et loquetur contra Deum mendacium...”

¹⁰ São Jerônimo, *Apologia*, p. 234: “...Vis scire totas argutiarum tuarum strophas et uulpicularum insidias quae habitant in parietinis, de quibus et Hiezechiel loquitur: Quasi uulpes in deserto prophetae tui, Israel?...” O texto citado de Ezequiel se acha no capítulo 13, 4.

¹¹ São Jerônimo, *Apologia*, p. 138: “Illud est quod te, desideriorum uir, Macari, admonitum uolo, ut scias hanc quidem fidei regulam, quam de libris eius supra exposuimus, esse talem quae et amplectenda sit et tenenda...”

¹² Daniel 9, 23: “...Desde o começo da tua súplica, uma palavra foi pronunciada e eu vim para comunicá-la a ti, porque és o homem das predições...”

¹³ Lardet, P., op. cit. (1993), p. 186, nota 328.

rio das predileções de Deus) e o outro termo da comparação (que é Macário, destinatário a quem se dirige Rufino, sendo este destinatário aquele que “deseja” saber).

Ainda em contexto veterotestamentário, o texto da *Apologia* é pródigo na utilização de motivos daí advindos.

Do livro do Gênesis, nosso autor traz para seu texto o motivo da astúcia e sabedoria da serpente, a qual supera nessas qualidades a todos os outros animais que Deus criou e colocou no Paraíso. A primeira ocorrência se dá no primeiro livro, a segunda ocorrência, no terceiro livro da *Apologia*. No primeiro livro, a citação aparentemente nada muda ao texto bíblico,¹⁴ se nos ativermos à edição da Vulgata que utilizamos. Jerônimo diz *sapientior* em vez de *callidior*. Já no terceiro livro de sua *Apologia*, Rufino passa a ser assimilado ao motivo da serpente astuta, sob aparente prudência, do qual Jerônimo denuncia o jogo dúbio da advertência confidencial e da simultânea acusação pública. A esta situação, Jerônimo interroga a Rufino se ele considera os leitores desprovidos de inteligência, de modo que não possam perceber a astúcia de Rufino em suas manobras espúrias.¹⁵

Ainda no livro do Gênesis, capítulo 41, encontramos a narrativa na qual José dirige-se ao faraó para interpretar-lhe os sonhos que veiculavam imagens relacionadas ao cultivo de cereais e a criação de rebanhos, as setes espigas de trigo granadas e as sete espigas mirradas, as sete vacas gordas e as sete vacas magras. Conta o texto bíblico que José angariou tão grande prestígio junto ao faraó, com a interpretação que este hebreu desprezado e vendido por seus irmãos lhe apresentou, que o faraó promoveu-o a intendente dos seus armazéns, a fim de que administrasse, com a sabedoria que demonstrou possuir, as épocas de escassez com víveres que pudessem ser recolhidos em épocas de abundância, conforme pressagiavam os sonhos do faraó. No texto da *Apologia*, terceiro livro, vemos Jerônimo colocar-se no papel de um José. Em seu caso, a fome é assimilada a uma

¹⁴ Gênesis 3, 1: “...Sed et serpens erat callidior cunctis animantibus terrae quae fecerat Dominus Deus...”

¹⁵ São Jerônimo, *Apologia*, p. 232: “...Brutos putas esse lectores et omnes non intelligere prudentiam tuam, immo malitiam, qua et serpens prudentior fuit cunctis bestiis in paradiso, ut a me secretam commonitionem flagites quem publica accusatione persequeris? ...”

heresia que estava por vir, a qual necessitava ser combatida, tal como a fome precisava ser saciada.¹⁶

O parágrafo 18 do primeiro livro da *Apologia*, que Pierre Lardet intitula como Orígenes e a mentira, traz um interessante paralelo entre o que afirma Platão sobre a mentira, no terceiro livro de sua *República*, e o que afirma Orígenes em seus *Stromata*¹⁷: percebemos uma curiosa conformidade, que devia interessar sobretudo a Jerônimo no sentido de demonstrar a filiação do mestre Orígenes a fontes pagãs que são origem de heresia. Em tal parágrafo há utilização do motivo da mentira em três momentos diferentes no Antigo Testamento. Primeiramente os disfarces que a hebréia Judite deu a suas palavras e com os quais conseguiu ludibriar o assírio Holofernes, decapitando-o depois de havê-lo seduzido, tendo-se arrumado toda, acentuando sua feminilidade, tornando-se pronta a ser seduzida por Holofernes, e depois de havê-lo induzido a intensa embriaguez (Cf. Judite 11.). Em segundo lugar, o ato de mentir pela omissão prolongada da verdade, como no caso de Ester, que retificou o julgamento de Artaxerxes (Cf. Ester 2, 10.20.). E em terceiro lugar, a mentira de que Jacó se serviu junto ao pai Isaac para obter dele a bênção que cabia ao primogênito Esaú. Tendo já vendido seu direito de primogenitura a Jacó por pão e cozido de lentilhas, Esaú foi preterido por seu irmão Jacó, quando em presença do pai Isaac, Jacó fez Isaac confundir seu braço peludo com o de Esaú. A bênção consumou-se com a caça que Jacó serviu a seu pai. Mentira habilmente “arquitetada”, esta de Jacó, assim a caracteriza Jerônimo (Cf. Gênesis 27, 18-30.). No trecho de Orígenes, citado por Jerônimo em sua *Apologia*, ele ressalta a imperiosa necessidade e utilidade da mentira para a vida e sobrevivência dos homens e dos povos, em contraposição à inutilidade da mesma para Deus. Contudo, é importante não abusar deste expediente, observar certas regras.¹⁸

¹⁶ São Jerônimo, *Apologia*, p. 280: “...Non fuit, non fuit, inquam, nostri consilii, sed Dei providentiae, ut, missi ad aliud, contra nascentem haeresim dimicarent et in more Joseph famem futuram fidei ardore subleuarent...”

¹⁷ Obra que comporta grande número de citações, à semelhança de colchas de retalhos, tratando de temas filosóficos e teológicos.

¹⁸ São Jerônimo, *Apologia*, p. 52: “...Ne excedat terminos quibus usa est Iudith contra Holofernem, et uicit eum prudenti simulatione uerborum. Imitetur Esther quae Artaxerxis sententiam diu tacita gentis ueritate, correxit; et in primis patriarcham Iacob, quem legimus benedictiones patris artificii impetrasse mendacio...”

O livro do Êxodo tem a nos fornecer o motivo da oferenda como sacrifício ao Deus de Israel (Cf. Êxodo 35, 20-29.), em que todos, homens e mulheres, traziam generosamente a Iahweh ricas oferendas de tudo o que possuíam para agradar-lhe: as mulheres ofereciam púrpura escarlate e violeta que haviam fiado, carmesim e linho fino; os chefes ofereciam pedras de ônix e pedras de engaste para o éfode e o peitoral. Quem não tinha coisa de muito valor a oferecer oferecia o que podia. Em sua *Apologia*, Jerônimo traz à tona o motivo da oferenda como subsídio de defesa do trabalho de tradução a partir dos originais hebraicos. Como os hebreus que ofereciam o que podiam, Jerônimo também o faz, oferecendo ao tabernáculo de Deus a sua contribuição, conforme sua condição.¹⁹

O livro de Jó, na seqüência do segundo discurso de Iahweh endereçado a Jó, no qual aquele trata do domínio divino sobre as forças do mal, aí encontramos figuras das forças demoníacas. Beemot, que significa “animal”, “gado”, designando a besta por excelência, foi muitas vezes identificado com o elefante ou com o búfalo mítico mencionado pelos textos de Ugarit. Representa aqui o hipopótamo, símbolo da força bruta que Deus domina, mas que o homem não consegue domesticar. O nome Leviatã designa propriamente um monstro do caos primitivo que se pensava viver permanentemente no mar. Aplica-se aqui ao crocodilo e evoca na passagem as potências hostis a Deus. Jerônimo denuncia a tentativa por parte de Rufino de safar-se da suspeita de ser tido como defensor da idéia da inclusão do diabo na obra redentora de Cristo e transcreve um trecho do livro de Jó, atribuído a Deus e direcionado a Jó, sobre o diabo: “...A tua esperança seria ilusória, pois somente o vê-lo atemoriza. Não se torna cruel quando é provocado? Quem lhe resistirá de frente? Quem ousou desafiá-lo e ficou ileso? Ninguém, debaixo do céu...” (Jó 40, 28 a 41, 3.)

A literatura sapiencial tem copiosa presença no texto da *Apologia*. Tomemos primeiramente o quinto versículo do salmo 14, que nos fala da conduta reta e irrepreensível de quem deseja hospedar-se

¹⁹ São Jerônimo, *Apologia*, p. 172: “...Periculosum opus certe, obrectatorum latratibus patens qui me adserunt in Septuaginta interpretum suggillationem noua pro ueteribus cudere, ita ingenium quasi unum probantes, cum ego saepissime testatus sim me pro uirili portione in tabernaculum Dei offerre quae possim, nec opes aliorum alterius paupertate foedari...”

junto a Iahweh. O primeiro salmo já trata da diferença fundamental entre aquele que dirige seus caminhos pela lei do Senhor e os ímpios que da lei se mantêm afastados. Diz o versículo em resposta à pergunta que abre o texto do salmo, sobre quem poderia hospedar-se na tenda de Iahweh: "...quem não empresta dinheiro com usura nem aceita suborno contra o inocente..." A utilização do motivo citado serve a reforçar uma atitude despreziosa contra uma suposta acusação proveniente da parte contrária da controvérsia em que Jerônimo se envolvera.

O texto da *Apologia* termina com numerosas citações do livro dos Provérbios, cada qual encerrando um conteúdo diversificado, correspondendo em grande parte a sentenças de ordem moral, com reflexões de ordem filosófica sobre inúmeras situações existenciais, razões pelas quais o livro dos Provérbios classifica-se como sapiencial. A utilização dos provérbios como motivo literário ocorre como uma espécie de exaltação da sabedoria que responde satisfatoriamente à necessidade de reparar a carência de entendimento e sensatez que se verificou entre os dois amigos, no momento da ruptura das relações de amizade e nos momentos seguintes, marcados por incontáveis agravos.

Passando a motivos relacionados mais propriamente à literatura do Novo Testamento, podemos localizar no segundo livro da *Apologia*, parágrafo 16²⁰, momento em que nosso autor tratava da defesa das teses origenistas por Eusébio e Dídimo, a presença de um motivo bíblico, que aí encontramos, ou seja, o da prisão como lugar de revelação, como o que acontece a Pedro que recebe, adormecido, na prisão, a visita de um anjo, conforme nos narra o livro dos Atos dos Apóstolos (Atos 12, 16s.).

A imagem do vinho novo que as traduções bíblicas de Jerônimo representavam, em relação às traduções gregas da edição dos Setenta, era mais um motivo da Sagrada Escritura de que Jerônimo se utilizou no segundo livro de sua *Apologia*, parágrafo 25²¹, que remete, por sua vez à narrativa das bodas de Caná, em João 2, 10.

²⁰ São Jerônimo, *Apologia*, p. 142: "...Tibi in quo somnio alexandrini carceris reuelatum est ut, quae ille uera profitetur, falsata confingas?..."

²¹ São Jerônimo, *Apologia*, p. 172: "...Periculosum opus certe, obtrectatorum latratibus patens, qui me adserunt in Septuaginta interpretum suggillationem noua pro ueteribus

A visão do mundo como lugar de exílio, como lugar de aflição, de peregrinação, de lugar estranho e até mesmo hostil é de origem bíblica.²² Os cristãos católicos rezam em saudação à Virgem, rainha mãe de Deus, rogando sua proteção maternal para melhor suportarem, como se pudessem habitar desse modo em um *locus refrigerii*, como se pudessem superar a dura condição da vida “neste vale de lágrimas”. É também assim que Jerônimo caracteriza o mundo em direção ao qual as almas são atiradas²³

Os exemplos poderiam se multiplicar ao infinito. Nosso intuito, no entanto, é mostrar o funcionamento e a utilização estilística dos motivos bíblicos na construção literária do polêmico na obra que estamos a estudar.

BIBLIOGRAFIA

ALTANER, B. e STUIBER, A. *Patrologia*. S. Paulo: Paulinas, 1988.

BARDY, G. *Faux et fraudes littéraires dans l'Antiquité chrétienne*. Revue d'Histoire Ecclesiastique 32 (1936), pp. 275-302.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulinas, 2000.

BIBLIA SACRA IUXTA VULGATAM CLEMENTINAM. Madrid: BAC, 1946.

DUVAL, Y.-M. *Jérôme entre l'Occident et l'Orient*. XVI centenaire départ de saint Jérôme de Rome et de son installation à Bethléem Paris:Études Augustiniennes, 1988.

———. *Sur les insinuations de Jérôme contre Jean de Jérusalem*. De l'arianisme à l'origénisme. Revue d'Histoire Ecclésiastique 65, 1970, pp. 353-374.

—, ita ingenium quasi unum probantes, cum ego saepissime testatus sim me pro uirilii portione in tabernaculum Dei offerre quae possim, nec opes aliorum alterius paupertate foedari...”

²² Consultar, neste sentido, a obra de Christine Mohrmann, citada na bibliografia, tomo II, pp. 81-92, artigo intitulado *Locus refrigerii*.

²³ São Jerônimo, *Apologia*, p. 60: “...dicit ante uisibiles creaturas, caelum, terram, maria, et omnia quae in eis sunt, fuisse alias inuisibiles creaturas, in quibus et animas, quae ob quasdam causas soli Deo notas deiectae sint deorsum in uallem istam lacrimarum, in locum adflictionis nostrae...”

GÊNIOS DA PINTURA. *Bruegel e Fra Angelico*. São Paulo: Abril 1967.

INGLEBERT, H. *Interpretatio christiana*. Les mutations des savoirs (cosmographie, géographie, ethnographie, histoire) l'Antiquité chrétienne 30 – 630 après J.C. Paris: Études Augustiniennes, 2001.

JEANJEAN, B. *Saint Jérôme et l'hérésie*. Paris: Institut d'Études Augustiniennes, 1999.

JERÔNIMO. *Apologie contre Rufin*. Introduction, texte critique, trad. et index par Pierre Lardet. Paris: Cerf, 1983.

———. *Commentaire sur Jonas*. Introduction, texte critique, trad. et commentaire par Yves-Marie Duval. Paris: Cerf, 1985.

———. *Commentariorum in Epistolam ad Ephesios libri tres*. IN: MIGNE, J.-P. *PL* 26, col. 467- 624. Paris: Garnier Frères, 1878.

———. *Contra Iohannem Hierosolymitanum*. In: MIGNE, J.-P. *PL* 23 col. 371-412. Paris: Garnier Frères, 1878.

———. *Epistolario*. Edición preparada por Juan Bautista Valero. Madrid: BAC, 1995. 2 vol.

———. *Obras completas*. Tomo I: Obras homiléticas. Traducción, introducción y notas de Mónica Marcos Celestino. Madrid: BAC, 1999.

———. *Obras completas*. Tomo IIIa: Comentarios a los profetas menores. Introd., trad. y notas de A. Domínguez García. Madrid: BAC, 2000.

———. *Prólogos de comentários exegeticos diversos*. In: MIGNE, J.P. *PL* 23 e 28. Paris: Garnier Frères, 1878.

———. *Vivre au désert*. Vies de Paul, Malchus, Hilarion. Trad. latin présenté et annoté par Jean Miniac. Grenoble: Jérôme Millon, 1992.

MOHRMANN, C. *Études sur le latin des chrétiens*. 2 tomes. Roma: Edizioni di Storia e Letteratura, 1961.

NÉRET, Gilles. *Dalí*. Köln: Taschen, 2000.

ORÍGENES. *Traité des Principes*. Introduction, texte critique de la Version de Rufin Trad. par Henri Crouzel et Manlio Simonetti. Paris: Cerf, 1978.

RUFINO. *Apologia*. Introdução e tradução italiana de M. Simonetti. Alba, 1957.

———. *Apologiae in Sanctum Hieronymum libri duo*. In: MIGNE, J.P. *PL. 21 col. 541-624*.

———. *Apologia quam pro se misit Rufinus Presbyter ad Anastasium Romanae Urbis Episcopum*. In: MIGNE, J.-P. *PL 21, col. 623 – 628*. Paris: Garnier Frères, 1878.

———. *De adulteratione librorum Origenis*. In: MIGNE, J.-P. *PL 7 col. 615-632*. Paris: Garnier Frères, 1878.

ZEHNACKER, H. e FREDOUILLE, J.-C. *Littérature latine*. Paris: PUF. 1993.